


---

# **ANTI** **CAPITA** **LISTA**

N.º 18 (SÉRIE II) – JUNHO 2019

ELEIÇÕES  
EUROPEIAS  
PP.04-05

A REVOLTA DOS  
EDUCADORES  
NOS EUA  
PP.06-07



## **A GREVE CLIMÁTICA E A RECUSA DA AUSTERIDADE REFAZEM A EUROPA**

## EDITORIAL

# ECOSSOCIALISMO OU BARBÁRIE

O mundo passa hoje pela maior ameaça à sobrevivência da espécie humana no planeta Terra. Com um presidente norte-americano orgulhosamente negacionista da realidade das alterações climáticas, com a Rússia preocupada em alargar a exploração de gás natural no seu território e expandir a sua influência no Ártico para criar rotas comerciais e exploração de mais petróleo, a Europa assiste pasmada, sem qualquer estratégia que não seja prosseguir a economia do desperdício. Uma Europa sem estratégia para a crise climática viu nas eleições europeias de 26 de maio não só o consolidar dos partidos de Steve Bannon, ex-estratega de Trump, como também viu uma onda verde a crescer. Partidos com uma agenda ecologista, sejam de centro ou de esquerda, cresceram em vários países.

Em Portugal consolidou-se o Bloco de Esquerda, com uma agenda contra as alterações climáticas, como terceira força política. Será um reflexo do movimento protagonizado pela ativista sueca Greta Thunberg e isso indica que felizmente há uma geração disponível para assumir a emergência climática como um assunto de vida ou de morte. Têm toda a razão em fazê-lo, mas importa discutir como respondemos à crise climática e democrática.

Neste debate, assumimos a premissa de que destruição do planeta é indissociável do sistema socioeconómico: o capitalismo. A sobrevivência da sociedade civilizada, e talvez da vida no planeta Terra, está em risco porque o capitalismo precisa tanto de explorar como de destruir para garantir o lucro e o crescimento acima de tudo.

Hoje, uma teoria ou movimento socialista que não integre a ecologia como elemento central no seu programa e estratégia é anacrónica e irrelevante; por outro lado, também uma teoria ou movimento ecologista que não englobe uma rejeição do produtivismo capitalista está igualmente destinada ao fracasso.

Michael Löwy tem explorado o ecossocialismo como resposta. Diz Löwy que este conceito, «primeiro, reflete um novo entendimento do capitalismo enquanto sistema baseado não só na exploração, mas também na destruição – a massiva destruição das condições de vida no planeta. Segundo, ecossocialismo estende o significado de transformação socialista para além de uma mudança de proprietários para uma transformação civilizacional do aparato produtivo, padrões de consumo e todo um modo de vida. Terceiro, o novo termo ressalta a visão crítica que ele adota das experiências do século XX em nome do socialismo».

Se olharmos para a história recente dos “partidos verdes” europeus, na linha de Cohn-Bendit, exemplos não faltam da sua transformação em meros instrumentos ecorreformistas na administração liberal do capitalismo pelo centro. A ausência de uma crítica socialista ao modelo de produção capitalista faz de alguns partidos verdes europeus uma bicicleta sem rodas. Pedala muito, mas não avança.

Não nos basta alterar a gestão da propriedade. Precisamos alterar radicalmente a forma como esta é gerida. O socialismo deve colocar a reorganização democrática do sistema produtivo no coração da transformação social, juntamente com um firme compromisso com a gestão ecológica. Qualquer resposta que não passe pela síntese da ecologia e do socialismo garante sempre o pior: a barbárie.

## ÍNDICE

- 2 **Editorial**  
Ecosocialismo ou barbárie
- 3 **Ativismo**  
Greve Climática: Não há justiça climática sem justiça social
- 4-5 **Europa**  
As eleições europeias e o que muda no mapa político nacional  
Notas sobre as eleições numa UE em decadência
- 6-7 **Internacional**  
#RedforEd: A revolta dos “educadores” norte-americanos
- 8 **Leituras**  
*A Única História*, Julian Barnes  
*Filho da Mãe*, Hugo Gonçalves
- 8 **Acontece**  
Marchas do Orgulho LGBTI+  
Festa da Diversidade  
Acampamento Internacional de Jovens Revolucionários

### Ficha Técnica

#### Conselho Editorial

Ana Bárbara Pedrosa  
Andrea Peniche  
Hugo Monteiro  
Mafalda Escada  
Rodrigo Rivera  
Tatiana Moutinho

#### Participaram nesta edição

Ana Bárbara Pedrosa  
Andrea Peniche  
Francisco Louçã  
Gonçalo Pessa  
Luís Leiria  
Mafalda Escada  
Rita Gorgulho  
Rodrigo Rivera  
Sofia Oliveira

#### Ilustração da capa

Catherine Boutaud

#### Depósito Legal

441931/18

#### Contactos

email [redecapitalista@gmail.com](mailto:redecapitalista@gmail.com)  
facebook.com/[redecapitalista](https://www.facebook.com/redecapitalista)  
web [www.redecapitalista.net](http://www.redecapitalista.net)





## ATIVISMO

# GREVE CLIMÁTICA: NÃO HÁ JUSTIÇA CLIMÁTICA SEM JUSTIÇA SOCIAL

SOFIA OLIVEIRA  
(ATIVISTA DA GREVE CLIMÁTICA)

No passado dia 24 de maio, os jovens ocuparam o espaço público. Fizemos ecoar as nossas vozes em 125 países e 1664 cidades por todo o mundo. Em Portugal, o nível de mobilização foi elevadíssimo e ocupámos as ruas em mais de 50 localidades. Fomos muitas e muitos a exigir justiça climática.

Ao longo destes últimos dois meses aprendemos muito. Dessa aprendizagem surgiu um manifesto melhorado, que reconhece a interseccionalidade da luta climática e exige soluções para todas as pessoas que já sofreram com as escolhas políticas dos mais poluidores que tudo decidem. Exigimos o fim da precarização das nossas vidas, a criação de empregos para o clima e a consequente requalificação de todas as pessoas que trabalham em indústrias poluentes. Exigimos que o estatuto de refugiado climático seja levado a sério e que sejam dadas respostas a estas pessoas.

O 24 de maio marcou também o início da construção da próxima Greve Climática, que introduz uma novidade – será uma greve geral. O grande objetivo é estabelecer contacto com sindicatos e consciencializar toda a gente de

que a crise climática é a maior crise que já enfrentámos e que nos irá afetar a todas e todos. A força das e dos milhões de jovens que Greta Thunberg influenciou já mostrou resultados. A força europeia dos Verdes cresceu e contam agora com 69 deputados na sua bancada parlamentar. Olhamos para este crescimento como algo positivo. Contudo, sabemos que muitos destes deputados perpetuam políticas neoliberais e não mostram capacidade de fazer frente à voracidade do capitalismo, tentando encontrar soluções dentro do sistema, quando sabemos que este sistema económico não tem soluções para nos oferecer. Precisamos de uma força política que questione o sistema e que não tenha medo de tomar as decisões acertadas em nome do planeta.

Em Portugal, o PAN elegeram, pela primeira vez, um eurodeputado – é impossível não relacionar esta vitória com os movimentos de rua pelo Clima. No entanto, sabemos bem que o PAN não apresenta as respostas que precisamos. Com uma narrativa neoliberal, este partido “nem de direita, nem de esquerda” não se mostra capaz de fazer frente ao sistema capitalista. Sabemos que o PAN conquista muitas e muitos

com promessas vazias, mas as e os jovens que ocupam as ruas compreendem que exigir justiça climática é exigir justiça social. Por outro lado, a ascensão da extrema-direita no Parlamento Europeu consagra mais um desafio para o qual a subida dos Verdes não surge como resposta, já que não usa a sua voz para fazer frente aos fascismos, para defender claramente os nossos interesses.

É preciso exigir às forças políticas no Parlamento Europeu que lutem contra a extrema-direita, que usem o espaço conquistado para lutar pelos direitos de quem perdeu tudo devido às alterações climáticas, que não propaguem falácias como “a nossa ideologia é a ecologia” – é necessária uma força de esquerda que salve o planeta e que lute pelo que é de todas e todas.

Apesar das nossas pequenas vitórias, a luta não fica por aqui. Em setembro tomaremos as ruas, mais uma vez, exigindo um sistema económico que apresente soluções para a crise climática, um sistema que ponha a vida das pessoas à frente do lucro do grande capital, um sistema que não se verga às exigências e vontade dos 1%.



EUROPA

# ELEIÇÕES EUROPEIAS E O QUE MUDA NO MAPA NACIONAL

Francisco Louçã

**C**ontados os votos das eleições europeias, diz-se que o centro se aguentou e que a subida da extrema-direita é marginal. Tudo errado. A subida da extrema-direita é significativa, por várias razões: ganha as eleições em vários países que concentram mais de metade da população europeia - Reino Unido, Itália, França, Polónia, Hungria -, mas, sobretudo, impõe os seus temas políticos com a emergência de novos ou velhos partidos, ou até penetrando as formações da direita tradicional (Orbán e o seu partido continuam no Partido Popular Europeu, pelo menos para já). Em consequência, o acolhimento de refugiados das guerras e de imigrantes passou a ser tabu, mesmo em países com tradição de hospitalidade (ou que precisam e costumavam importar mão de obra), ao passo que se mantiveram ou até reforçaram as políticas antissociais da economia liberal (Macron é um exemplo, ao recusar restabelecer o imposto sobre as grandes fortunas e ao atacar ferozmente os direitos sindicais). Assim, a maior vitória para a extrema-direita é o efeito de contaminação que se traduz na reorganização política, provocando a crise de alguns regimes políticos, como o do Reino Unido, ou o desgaste do macronismo em França (este tema é abordado noutra artigo desta revista).

As eleições, no entanto, não são só marcadas pela extrema-direita. O centro e a direita so-

frem igualmente uma pulverização eleitoral, com a descida dos socialistas e do Partido Popular Europeu. Por isso, a vitória do PS em Portugal tem sido apresentada como uma exceção e até como um resultado inspirador de novas alianças (que o governo português sugere que se dirijam para os liberais europeus, malgrado terem sido os defensores de sanções punitivas contra Portugal). Ora, o mapa eleitoral que foi registado a 26 de maio não pode ser lido de forma tão simplista.

De facto, o PS ganhou pouco mais de 1% em relação ao seu resultado limitado de 2014 e ficou na margem da votação que o obrigou a estabelecer um acordo com as esquerdas em 2015. Por isso, esta votação não é prometedora de uma maioria absoluta nas legislativas. Não fora o PSD ter ficado a 11%, com o seu pior resultado de sempre, e o CDS ter colapsado e este seria um resultado fraco em termos absolutos. Além disso, a pressão à esquerda aumentou, com a subida do Bloco de 5% para 9,8%, mesmo que o PCP tenha perdido quase metade dos seus votos



de 2014. Em todo o caso, a subida do Bloco ocorre depois de uma viragem do PS na sua última semana de campanha, quando, temendo os sinais das sondagens, passou a atacar sistematicamente o Bloco, pela voz de Pedro Marques e de António Costa. E isso é muito esclarecedor do fracasso da política do PS em bombardear o Bloco - talvez seja a leitura mais importante das consequências desta eleição.

A votação do Bloco deve ser analisada não só pela sua subida, como pelo facto de fazer parte de uma série de resultados que confirmam e consolidam a sua capacidade de representação social (parlamentares de 2015, presidenciais de 2016, regionais dos Açores, em muito menor medida as autárquicas). Se a nível nacional esses resultados tendem a confirmar o Bloco como terceiro partido, aliás com uma expressão em todos os distritos, nas áreas metropolitanas essa tendência reforça-se, ultrapassando mesmo o PSD em alguns concelhos e freguesias, onde é o segundo partido. O que em todo o caso esses dados indicam é que nas eleições de outubro de 2019 haverá uma disputa essencial entre o centro e as esquerdas sobre o que deve ser a governação e sobre as medidas de um programa consistente. Serão por isso as mais difíceis e exigentes eleições que o Bloco enfrentou até hoje. Só a partir de então saberemos como muda o mapa eleitoral nacional.



# NOTAS SOBRE AS ELEIÇÕES NUMA UE EM DECADÊNCIA

.....  
**Luís Leiria**

## 1. O SISTEMA EM CRISE

Os grupos conservador (PPE) e social-democrata (S&D) deixaram de ter a maioria que lhes permitia decidir tudo. O PPE caiu de 217 para 175 deputados e o S&D de 186 para 148. A soma dos dois (323) já não dá a maioria que lhes permitia dividir entre si cargos e nomear o presidente da Comissão. Para chegar de novo a, no mínimo, 376 eurodeputados, o bloco central terá de ser ampliado. O candidato conservador à presidência da comissão, o alemão Manfred Weber, admite fazer acordo com os liberais (ALDE), que subiram de 67 para 109 deputados, ou mesmo com os Verdes, que também cresceram de 50 para 69 deputados. Seja como for, nada será como antes.

## 2. O SISTEMA ESBOROA-SE

Chega a ser caricato, aliás, fazer estas contas todas, quando no Reino Unido venceu o improvisado partido do Brexit, de Nigel Farage (31,6%), varrendo e humilhando os conservadores da demissionária Teresa May (9%). Os partidos pró-Brexit tiveram maioria, donde o mais provável é o abandono dos 73 eurodeputados britânicos dentro de poucos meses.

## 3. A EXTREMA-DIREITA CRESCEU, MAS NÃO FOI UM TSUNAMI

As extremas-direitas (no plural, porque são diferentes variantes que pertencem a diferentes grupos no europarlamento) venceram em países decisivos, mas não provocaram o tsunami que se temia. Venceram em **França** (Marine Le Pen, cuja formação agora se chama Rassemblement National, ou União Nacional), mas com 23,3%, perdendo 1,5% e um eurodeputado, em comparação com as eleições anteriores), na **Itália**, com a Liga de Matteo Salvini a chegar aos 30% e a superar, pela primeira vez numa eleição, o Movimento 5 Estrelas, no **Reino Unido** (o já citado partido do Brexit), na **Hungria**, com a vitória esmagadora do Fidesz de Viktor Orbán (53%), e na **Polónia**, com o partido Lei e Justiça (45,3%) de Jarosław Kaczyński.

Já na **Áustria**, o caso de corrupção conhecido como Ibizagate fez o ultradireitista FPÖ retroceder dois pontos e meio (17,2%) e provocou a queda do governo, e na **Holanda**, onde se registou uma vitória dos trabalhistas, o ultradireitista Fórum pela Democracia, que chegou a liderar as sondagens, ficou-se pelos 10,9%. Na **Dinamarca**, o Partido do Povo



Dinamarquês, que vencera as eleições de 2014 com 26,6%, teve agora 10%, um colapso provocado por escândalos relacionados com fundos europeus.

E, já agora, vale a pena lembrar **Portugal**, um dos poucos países onde a extrema-direita não vingou. Em termos de grupos no Parlamento Europeu, as divisões dos ultradireitistas impedem-nos de fazer valer o seu peso total. A extrema-direita está dividida entre a Europa das Nações e da Liberdade (ENL), 54 eurodeputados, onde estão Le Pen e Salvini, entre outros, e a Europa da Liberdade e da Democracia Direta (ELDD), 53 eurodeputados, cujos membros incluem o Partido do Brexit, o Movimento 5 Estrelas e a Alternativa para a Alemanha. Além disso, o Fidesz húngaro é membro do PPE (filiação suspensa) e o Lei e Justiça da Polónia faz parte do grupo Conservadores e Reformistas Europeus, que tem 61 eurodeputados. Não há iniciativas de unificação destes grupos.

## 4. A ESQUERDA RETROCEDEU, MAS MANTENVE UM GRUPO DE 39 DEPUTADOS

O grupo da Esquerda Europeia Unida/Esquerda Verde Nórdica (GUE/NGL), do qual participam o Bloco e o PCP, manteve 39 eurodeputados dos 52 que formavam o grupo. A presidente, Gabi Zimmer, afirmou que o grupo se mantém forte e continuará a lutar por uma Europa melhor.

INTERNACIONAL

# #REDFORED: A REVOLTA DOS “EDUCADORES” NORTE-AMERICANOS

Gonçalo Pessa



**«NA VIRGÍNIA OCIDENTAL, EM OKLAHOMA, KENTUCKY E ARIZONA, OS PROFESSORES EM RESISTÊNCIA DESFEREM O MAIS PROFUNDO GOLPE NOS STATUS QUO NORTE AMERICANO.»**

Foi assim que há um ano o cientista político Corey Robin definiu, em entrevista ao Democracy Now, o início da onda de greves mais importante nos EUA nos últimos 40 anos. Desde então, as greves e protestos têm-se espalhado por todo o país, com mobilizações fortes em Los Angeles, Colorado, Geórgia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Virgínia, Tennessee e Oregon. Esta mobilização de “educadores”, orgânica em grande parte, mas com organizadores que participaram na campanha de Bernie Sanders de 2016 ou que militam nos Democratic Socialists of America, recolocou o trabalho e a política de massas no centro da mobilização social nos EUA.

Curiosamente, a onda de greves começou em Estados dominados pelo Partido Republicano e que votaram maioritariamente em Donald Trump em 2016, como a Virgínia Ocidental ou o Arizona. Nestes Estados, como em quase todos os EUA, os direitos do trabalho estão de tal maneira comprimidos que as greves de funcionários públicos são proibidas. Ao optarem

por greves ilegais, os “educadores” grevistas correm o risco de sofrer o mesmo destino dos mais de 11 mil controladores aéreos despedidos e banidos da função pública por Ronald Reagan após a greve de 1981. No entanto, as taxas de participação têm sido tão elevadas que, se estes “educadores” fossem responsabilizados e despedidos, as escolas teriam de fechar portas por falta de pessoal. Se há uma coisa que fica clara, como sugere Eric Blanc, ex-professor do secundário, é que quando a luta é de massas a relação de forças sobrepõe-se à legalidade.

Nessa relação de forças, a posição do trabalho está há muito tempo debilitada, como o prova a trágica situação material dos professores. Sendo os segundos mais mal pagos da OCDE, é frequente terem de acumular vários empregos para conseguirem sobreviver. Em *Red State Revolt*, Eric Blanc descreve a rotina de um professor do Oklahoma: «Durante o dia, Mickey Miller dá aulas no Booker T. Washington High School, em Tulsa. Depois do horário de aulas, trabalha até às 19h30 no aeroporto, fazendo o embarque e desembarque de bagagens para a companhia aérea Delta. De seguida, trabalha ainda como treinador de crianças no Tulsa Soccer Club». É por isso natural que uma das reivindicações destes movimentos de “educadores” seja o aumento dos salários.

No entanto, um dos eixos da estratégia deste movimento de “educadores” tem passado pela disputa da aprovação da sua luta pelas comunidades em que se inserem. E, por isso, não só de questões materiais se tem feito a agenda reivindicativa. Como uma professora da Oakland Technical High School relata ao *The Guardian*, «As nossas condições de trabalho são as condições de aprendizagem dos estudantes. Nós estamos a dar o nosso melhor com condições impossíveis, e isso nem é bom para os nossos estudantes nem é bom para a nossa dignidade». De facto, com o objetivo de alargar ao máximo a base de apoio das greves e protestos, não são as questões salariais que ocupam o centro da agenda dos professores, mas antes o aumento do financiamento das escolas públicas, a redução do número de alunos por turma, o combate à disseminação das *charter schools* (o equivalente em Portugal aos contratos de associação) ou a valorização da profissão, do sistema público de ensino e do futuro dos alunos. «Em luta pela educação dos nossos estudantes e pelo respeito da profissão» podia ser lido numa pancarta numa das concentrações. Colocar a defesa da escola pública e o interesse dos estudantes no centro do discurso reivindicativo, por mais ou menos retórico que seja, permitiu ao movimento ganhar o apoio da opinião pública e das co-



comunidades da classe trabalhadora em que se inserem as escolas.

Outro fator que tem permitido ganhar o apoio das comunidades, assim o foi em particular no Arizona e na Virgínia Ocidental, tem sido o envolvimento dos “educadores” na organização de bancos alimentares para alunos em situação de insegurança alimentar. Como a distribuição de refeições gratuitas pelas escolas é interrompida durante as greves, o apoio dos “educadores” na constituição destes bancos tem sido fundamental para manter a provisão destas refeições. Desta forma, fazendo da defesa da escola pública e dos interesses dos estudantes o centro da sua agenda e garantindo que os alunos de famílias mais pobres não deixam de ter acesso a refeições gratuitas, o movimento de tem conseguido neutralizar os ataques que à direita acusam a greve de prejudicar os alunos. O apoio da comunidade foi de tal forma ganho, que tem sido comum nas várias manifestações de “educadores” ver também pais e alunos.

Um segundo eixo estratégico do movimento tem passado pelo alargamento da greve para além dos professores. A grande maioria das greves têm sido de “educadores” e não só de professores, porque incluem todos os funcionários e funcionárias das escolas, auxiliares operacionais e administrativos, cozinheiros,

condutores dos autocarros escolares e por aí fora. E essa grande coligação pela escola pública foi fundamental nas várias vitórias que o movimento conseguiu até agora, como fica claro pelas palavras de Emily Comer, do movimento de Virgínia Ocidental: **«Há um equívoco comum que atribui a nossa vitória ao apoio que obtivemos das direções das escolas. Mas, de facto, nós só conseguimos vencer porque conseguimos fechar as escolas. E só o conseguimos porque estava toda a gente a bordo: seguranças, cozinheiros, condutores e auxiliares. A escola não funciona sem eles»**<sup>1</sup>.

Ao longo deste último ano e meio, a luta dos “educadores” tem obtido vitórias muito expressivas. Nos vários Estados onde já houve mobilizações, conquistaram-se aumentos salariais e mais investimento na escola pública. Estas vitórias têm motivado o crescimento em catadupa de greves. Mas não só de cedências das autoridades centrais se têm feito essas vitórias. A experiência da militância e da construção de movimento com pensamento estratégico formou consciência de classe e organização de base. Essa vitória não é de somenos: grandes greves que vencem aumentam as expectativas da classe trabalhadora e expandem o movimento organizado de massas. Esse é o caminho para a construção de

uma esquerda que mobiliza e disputa o poder. Na última década, provavelmente desde o movimento Occupy Wall Street, mas a ritmo mais acelerado desde a campanha de Bernie Sander em 2016, a militância em torno de um projeto socialista de sociedade tem crescido muito nos EUA. As eleições de várias congressistas de esquerda socialista, nomeadamente de Alexandria Ocasio-Cortez, mas também de Rashida Tlaib e de Ilhan Omar para a Câmara dos Representantes, ou de Júlia Salazar para o Senado de Nova Iorque, deram uma expressão importante de disputa institucional ao crescimento dessa militância. Foram, aliás, particularmente importantes porque as campanhas que estiveram na origem dessas eleições foram bem aproveitadas para o desenvolvimento de organização de base, como foi o caso do crescimento meteórico dos Democratic Socialists of America nesse período. Mas não há nenhum projeto de socialismo que vingue apostando as fichas todas e valorizando em demasia a disputa institucional. É, por isso, muito bom sinal que o crescimento da militância socialista seja acompanhado pela recuperação da importância que as questões laborais devem ter no movimento social e pela crescente organização da classe trabalhadora.

<sup>1</sup> - BLANC, Eric (2019). *Red State Revolt. The Teachers' Strike Wave and Working-Class Politics*. Nova Iorque: Verso, p. 75.





**MARCHAS DO ORGULHO LGBTI+**

**Vila Real | 2 de junho** | Jardim da Carreira | 16h30  
**Braga | 8 de junho** | Arco da Porta Nova | 16h30  
**Faro | 8 de junho** | Praceta do Infante | 16h

**Aveiro | 15 de junho** | Estação de Comboios  
**Lisboa | 29 de junho** | Príncipe Real | 15 horas



**FESTA DA DIVERSIDADE**  
**Lisboa | 29-30 de junho**

A Festa da Diversidade procura estimular e conhecer outros saberes do mundo, saborear outros sabores do mundo, conhecer e sentir outras sonoridades do mundo. Mais do que celebrar a diversidade, o que esta Festa propõe é contribuir para um diálogo intercultural que permita, para além de reconhecer e aceitar a diferença, vivenciá-la e praticá-la com respeito.



**ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE JOVENS REVOLUCIONÁRIOS**  
**Segóvia | 21-27 de julho**

O Acampamento Internacional de Jovens Revolucionários é o lugar de encontro de centenas de militantes e ativistas que lutam pela transformação social em diferentes países. Dinamizado pela IVª Internacional, o acampamento realiza-se desde 1984 em diferentes países. Em 2019, será no Estado Espanhol. Entre 21 e 27 de julho, centenas de jovens de toda a Europa e outros países do mundo marcam encontro em La Granja de San Ildefonso, em Segóvia. Inscrições em [redeanticapitalista.net](http://redeanticapitalista.net)

**A ÚNICA HISTÓRIA**

Julian Barnes  
 2019 | 256 páginas | Quetzal | PVP: ± 16.60 Euros

O narrador defende que, dentro das várias histórias que compõem as vidas, há uma que se sobrepõe, a única de cada uma. A de Paul é a da sua relação com Susan, iniciada quando ele tinha 19 anos e ela 48 e um marido. Logo no início, o que ali está parece simples de se ver: um rapaz a



meter-se numa alhada, um rapaz a garantir-se uma vida de entulho. E a mulher? Casada, adúltera, abortada. Parecerá fácil julgá-la, ter pena dele. Logo de início, fica claro para o leitor o que não fica para os amantes: é ele quem tem tudo a perder. E é o jovem amante que só a meio se apercebe do contrário: ela tem casa a perder, marido a perder, filhas a perder. Vale então contrariar o que diz a primeira página: perguntarmo-nos se preferíamos amar mais e sofrer mais ou amar menos e sofrer menos não é uma verdadeira questão por não podermos escolher; só não o é porque, mesmo quando é possível escolher, escolhe-se de forma a que se chegue ao incontável, transformando o amor numa tempestade autómata. E com este cenário Barnes explora o amor improvável, o amor contra a tempestade, o amor contra o tédio e o amor como tarefa. Posteriormente, o amor como memória – mas a única história que importa, e por isso a arder lentamente a vida inteira.

**FILHO DA MÃE**

Hugo Gonçalves  
 2019 | 240 páginas | Companhia das Letras  
 PVP: ± 15.50 Euros



Neste livro, Hugo Gonçalves olha para dentro, procura memórias e explora a tragédia individual da morte da mãe. O interesse psicológico, e portanto até humano, que o livro possa ter perde terreno nas alturas em que o próprio livro sente necessidade de

justificar-se, revelando a fragilidade dos intentos narrativos/literários. De resto, cumpre o que propõe, vivendo o drama individual do autor.

**CONTACTOS**

Email [redanticapitalista@gmail.com](mailto:redanticapitalista@gmail.com)  
 facebook.com/[redanticapitalista](https://www.facebook.com/redanticapitalista)

[www.redanticapitalista.net](http://www.redanticapitalista.net)